

TRABALHO PEDAGÓGICO EM PESQUISA NO ÂMBITO DA LEITURA IMANENTE

Autor

Prof. Dr. Ciro Bezerra
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
ciro.ufal@gmail.com

Co-autora

Luzenilda da Silva Emiliano
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
luzeinildaemiliano@hotmail.com

Co-autora

Thays Rosa do Nascimento
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
thaysrosa22@gmail.com

Co-autora

Laura Santos de Oliveira
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
lauramcz1@hotmail.com

RESUMO

Este artigo é uma reconceituação da categoria trabalho pedagógico. Ele se materializa na produção, socialização e apropriação de conhecimentos. Portanto, não se reduz a ensino. Pressupomos que pesquisa e ensino são indissociáveis. Portanto, ensino de qualidade pressupõe pesquisa rigorosa. Apesar desta imbricação entre pesquisa e ensino há uma inexplicável ausência de investigações sobre o trabalho pedagógico, realizado por professores e estudantes. Esta lacuna, a nosso juízo, compromete a qualidade no ensino, porque se desconhece o que a produz: o trabalho pedagógico. Ora, se não há formação teórica sólida, não há pesquisas rigorosas, e é o que compromete o ensino de qualidade. Portanto, nos mais diversos Cursos de Formação de Professores há uma crise na formação de professores. Por exemplo, competências adequadas dos professores da educação básica para desenvolver pesquisas. Diante desta problemática desenvolvemos uma didática de estudo, uma sequência pedagógica, composta de quatro momentos: diálogo crítico; mapas das unidades significativas e epistemológicas; diário etnográfico e interpretação compreensiva. O objetivo desse método de estudo é promover a interpretação compreensiva de livros didáticos e trabalhos acadêmicos. Ele incorpora a epistemologia freireana como princípio e as filosofias antigas como orientação. Nestas filosofias a formação era concebida como *askesis* ou técnicas de si, e na atualidade foi reconceituada como “exercícios espirituais”, por Pierre Hadot. Fundados nestas filosofias a leitura imanente desenvolve *habitus*: disposições psicológicas e capacidades pedagógicas. Ela aprimora a compreensão e interpretação pelo “trabalho de si, em si, por si e para si”. Trabalho que envolve os quatro momentos e que nomeamos trabalho pedagógico. O objetivo é discutir as características desta categoria no âmbito do método de leitura imanente.

Palavras-chave: trabalho pedagógico, pesquisa, leitura imanente, autoanálise, autonomia intelectual.

INTRODUÇÃO

O trabalho pedagógico em pesquisa, do nosso ponto de vista, refere-se a um conjunto de atividades que envolvem a apropriação de conhecimentos, mas conhecimentos objetivos e sistematizados, não adquiríveis na experiência ou vida cotidiana. Esta definição de trabalho pedagógico rejeita a hipótese de a formação escolar reduzir-se a ensino. Portanto, formação escolar pressupõe, impreterivelmente, investigação e pesquisa. Isto é, estudo. O estudo é uma atividade humana, desenvolvida geohistoricamente na antiguidade clássica, e que se constituiu na gênese da produção dos conhecimentos sistematizados¹.

Estudar é pesquisar. É investigar. E não se confunde com assistir aulas. Por conseguinte, como são os estudos e pesquisas que determinam a qualidade do ensino, e esta qualidade no Brasil, informada por diferentes indicadores educacionais, é tida como péssima, temos, então, que nos interrogar: professores e estudantes, de fato, estudam? Quantas horas eles se dedicam por dia a esta atividade? Que critérios podemos utilizar para verificar como os sujeitos pedagógicos estudam e o que é produzido quando isso ocorre? Se admitirmos a hipótese de que estudar é muito mais que ler, e que o estudo ou trabalho pedagógico em pesquisa, além de leitura, exige escrita. Certamente escrita sistemática, regular, com disciplina e método. Vislumbramos as seguintes hipóteses: [1] professores e estudantes não estudam e pesquisam, [2] professores e estudantes estudam e pesquisam muito pouco, ou [3] professores e estudantes estudam e pesquisam de forma inadequada. Associadas a tais hipóteses é possível formularmos as seguintes questões: como, quando e onde os professores e os estudantes, da educação básica, estudam? Tudo indica que os professores da educação básica, de uma forma geral, apenas dão uma lida nos conteúdos, um dia antes da aula; ou leem rapidamente o conteúdo (dão uma “lidinha”) antes da aula (quando fazem isso); e os estudantes também, de um modo geral, só estudam para fazer provas, e assim mesmo nas vésperas (isso sendo otimista!). Este fato, que nos parece inconteste, é o que tem motivado e justificado nossas pesquisas sobre a categoria trabalho pedagógico. O objetivo deste artigo é expor nossas contribuições acerca da categoria trabalho

¹ Trabalho pedagógico são todas as atividades desenvolvidas pelos sujeitos pedagógicos: professores e estudantes. Dado a importância da pesquisa nestas atividades preferimos falar, então, em trabalho pedagógico em pesquisa, para enfatizar a sua importância neste tipo de trabalho. Ora, são conhecidas as análises que têm avaliado a qualidade das pesquisas socioeducativas, que estimam com o grau péssimo 70% das dissertações e teses realizadas em Programas de Pós-graduação nos Estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (ALVES, 1962). A própria legislação reconhece a importância da pesquisa no trabalho pedagógico. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) e a legislação educacional, em geral, falam da importância em se articular ensino e pesquisa. Mais evidente ainda é o que caracteriza a universidade pública. Não há um Regimento de Universidade que não afirme, e com força, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Por que, então, estamos longe de alcançar a excelência acadêmica no Ensino Superior e cada vez mais nos parece que o ensino no âmbito da educação básica parece piorar? Do nosso ponto de vista, porque toda esta legislação e reconhecimento não passam de mera formalidade.

pedagógico, no âmbito do que Bezerra (2016) nomeia de método da leitura imanente. O trabalho pedagógico é uma categoria estruturante das pesquisas que estamos desenvolvendo desde agosto de 2016 em alguns municípios do Estado de Alagoas, intitulada: *Projeto Formação de Si: círculos comunitários/escolares de atividades extensionistas*.

METODOLOGIA

Para elaboração deste artigo realizamos uma revisão bibliográfica de diversos trabalhos acadêmicos (artigos, dissertações, teses e livros) que discutem conceitualmente a categoria trabalho pedagógico. Nesta revisão utilizamos o método da leitura imanente. A exposição detalhada desse método encontra-se no livro *Professores Desacorrentados na Cé(lu)la de Aula ou Formação de Si: um método para resistir e emancipar* (ainda não publicado). A título de antecipação poderíamos resumir as suas ideias básicas. A leitura imanente desenvolve uma interlocução profunda com as(os) autor(es), através da decomposição e desconstrução do texto, a fim de identificar, registrar, discutir e elaborar o mapa das unidades significativas: categorias, conceitos, ideias e glossário. O segundo movimento procura relacionar as unidades significativas apreendidas com a teoria desenvolvida pelo autor. Nesse relacionamento procura-se isolar as unidades epistemológicas: objeto, objetivos, hipóteses, pressupostos, entre outros. O terceiro movimento corresponde ao sentido contrário, recompor todos os registros e memórias num texto legível, claro, objetivo, considerando os pressupostos explícitos e implícitos. Este compreende um exercício de autoria e se expõe a interpretação compreensiva. Um texto com introdução, desenvolvimento e conclusão.

Agindo na pesquisa com esses princípios e procedimentos, o percurso da leitura imanente tem um objetivo estratégico de transformar o leitor em escritor. Nesses termos o estudo pode ser concebido como técnicas de si a leitura imanente um exercício que forja escritores, comprometido com a estética da existência. Esta forma de realizar a revisão bibliográfica, convida o leitor a produzir um texto como obra de arte, sob a sua iniciativa e com as capacidades cognitivas desenvolvidas neste processo. Todo esse trabalho se objetiva na interpretação compreensiva, registrada em texto de cunho acadêmico. Texto de autoria do leitor, convertido em pesquisador, mediante a personificação de formas sociais, próprias à pesquisa. Em termos didáticos os passos e procedimentos da leitura imanente podem ser expostos nos seguintes itens:

1. Decomposição do texto em suas unidades significativas mais elementares: ideias, conceitos, categorias, etc. O que exige a realização de fichamento. Paratanto é preciso se deter nos movimentos significativos de cada frase, período, parágrafo e consultar o dicionário e registrar

as palavras e seus significados que não fazem parte, ainda, de nosso vocabulário corrente;

2. Com esta leitura rigorosa e após identificarmos as unidades significativas, passa-se a buscar a trama que articula tais unidades a uma teoria, hipóteses, teses e proposições, no sentido mais fiel possível ao texto em análise. Esse procedimento está associado a um movimento contrário, que acontece simultaneamente: a recomposição íntima do texto;
3. O processo dialético de decomposição e recomposição revela também os nódulos decisivos e os pressupostos explícitos e implícitos, inclusive os desdobramentos e consequências dos postulados relevantes;
4. Assim, depois de todo este trabalho, passamos a construção de hipóteses interpretativas do texto em análise. Ela possibilita trazer para o estudo monográfico nos marcos da análise imanente as questões, problemas e teses relevantes, dando sentido a finalidade que conduziu o estudo do texto;
5. Várias alternativas passam a se apresentar as interpretações. Não apenas em relação às categorias que buscávamos identificar e compreender, mas em relacionar o posicionamento teórico do escritor com o contexto em que foi escrita e publicada a obra. O que é fundamental para apreender as determinações históricas e o conteúdo do texto (LESSA, 2007, p. 20-21).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o objetivo de aprimorar o método da leitura imanente, contribuir com o desenvolvimento de procedimentos que elevem a capacidade de compreender e interpretar trabalhos acadêmicos pretende-se demonstrar como é possível desenvolver a autonomia intelectual dos estudantes, por eles mesmos, desde que se engajem em atividades intelectuais, relacionadas a pesquisa, atividades laborais que estão imbricadas ao cuidado de si, ao governo de si, e a estética da existência. E é a redefinição das prioridades de ação que impactam modos e trajetórias de vida, que envolve a vida cotidiana dos professores e estudantes. Qualquer leitor interessado em se apropriar dos conteúdos dos trabalhos acadêmicos, no âmbito das Ciências Humanas, e de forma sistemática, pode fazê-lo. De nossa parte cabe revelar-lhes os componentes basilares de como os textos acadêmicos se estruturam e são produzidos sobre os diversos enquadramentos filosóficos, revelando os efeitos políticos desses enquadramentos.

E como o método clássico da ciência ensina que para conhecer a realidade complexa é necessário dividi-la em suas unidades mais simples, assim procedemos com o texto acadêmico, visando desvendar e compreender a sua trama.

Propomos, então, que a menor unidade do texto acadêmico é a categoria. E esta não deve ser compreendida como simples palavra, mas como *forma de ser*. Tomamos como exemplo a palavra *portanto*. O advérbio *portanto*, por exemplo, é tratado como simples palavra pelas Ciências Sociais. Mas no âmbito das faculdades de Letras, onde sobressaem disciplinas como *Literatura e Linguística*, *portanto* é uma categoria, e conceituada como advérbio assume significado mais relevante do que uma simples palavra. Desta forma, a noção de categoria abre, no mínimo, nossas mentes para não apenas saber ler trabalhos acadêmicos, e isto nas diferentes áreas do conhecimento, mas saber compreendê-los e interpretá-los devidamente, o que é muito diferente de apenas ler e saber o que está escrito.

Aprendendo a compreender podemos interpretar não apenas o texto acadêmico, mas, muito além disso, e mais complexo: aprendemos a interpretar as nossas próprias compreensões nesse exercício, pois são situações distintas. É desse modo que forjamos a nossa autonomia intelectual. Isto é, aprendemos a escolher e nos presentear com melhores pensamentos, a colocar norma nos procedimentos de pensar, a pensar criticamente sobre pensamentos, normas e procedimentos metodológicos que orientam nossas formulações e conjecturas teóricas. Portanto, que estão presentes na interioridade de nossos corpos e mentes. Agindo de tal modo aprendemos a fazer despertar a coragem de criticar nossos pensamentos. E isto profundamente, de forma radical, sem receios, arroubos, ou temor de estarmos nos desqualificando e desvalorizando. Quando, na verdade, o que está a ocorrer é o enriquecimento através da incorporação destes conhecimentos, relacionados a certas práticas específicas de pensar, nos avaliando, interrogando e questionando, exercício que Bourdieu chama de “autoanálise”.

Apenas criticando a nós mesmos, aprendemos a ser examinados e criticados pelos outros. Psicologicamente a “autoanálise” é extremamente educativa e salutar ao encorajamento, desenvolve a auto estima. Além de fazer brotar virtudes até então desconhecidas ou inexistentes nos sujeitos. Com isto, nos superamos quando tomamos consciência que tais virtudes operam em nossos sentidos, desejos e escrita.

Desse modo, consciente ou mesmos inconscientemente, processamos a formação nossa própria formação: a *formação de si*. E isto, certamente, pode ocorrer no âmbito da formação inicial e continuada, e mesmo na formação por conta própria e autodidata. Desenvolvendo a responsabilidade em fazer no cotidiano de nossas vidas, nossa própria formação. Através do estabelecimento de rotinas de estudos, podemos fazer de nossa casa a nossa escola, dotada de projeto político pedagógico, currículo, disciplina e avaliação. Forjando com isto o governo de si, em espaço-tempos que nos

pertencem. Dessa forma, o discente é posto no coração dos processos de aprendizagem dos processos educativos. Onde o mesmo, se auto constitui através de seus próprios escritos, como sujeito ativo e criativo, leitor e escritor, de conhecimentos. E não simples receptor, ouvinte e observador, como ocorre nas inúmeras salas de aula. Sem o que, a nosso ver, é impossível formar-se como intelectual autônomo.

De acordo com nossas constatações, evidencia-se que, entre as muitas dificuldades em pesquisadores iniciantes, nos cursos de graduação, estão refletidas, no significativo número de discentes que tem dificuldade em escrever, porque não sabem ler sistematicamente, textos de cunho acadêmico, como a formação superior exige. Com a agravante e preocupante observação, de que não aprendem a escrever neste ambiente formativo, durante esses quatro anos ou mais de dedicação de suas vidas. Colocando em dúvida se tal formação é mesmo superior ou o que? Sobretudo nos cursos de formação de professores, nas faculdades de pedagogia e nos diversos cursos de licenciaturas, o que nos deixa perplexos, assustados e preocupados com os rumos da educação básica.

Atribuímos o porquê deste atual cenário na graduação, em especial no que tange a formação de professores, às deficiências na formação de professores. Estas deficiências são decorrentes da configuração das forças políticas que vem promovendo as políticas educacionais desde os anos de 1960, do século XX. Estas forças provocaram, a um só tempo, a erosão de duas conquistas geohistóricas das classes trabalhadoras: as noções pro-socialistas do leste europeu e do mundo; e o Estado de Bem-estar Social. Ambas experiências destruídas pela mundialização do capital, a reestruturação produtiva e a revolução científico-tecnológica das TIC, engenharia genética e química fina. Além de miniaturização dos bens de consumo e bens de capital.

Não é por acaso, a maioria dos professores da educação básica, e até superior, se posicionarem com descaso e aversão ao trabalho que realizam: trabalho intelectual ou trabalho em pesquisa. Tratem as atividades intelectuais com descaso e negligência: Ignorem quase absolutamente os efeitos reais que o trabalho de ler e escrever provocam em nós, por nós mesmos; simplesmente por ser trabalho. Pois é por meio ao trabalho que o ser humano transforma a natureza e transforma-se concomitantemente. Os trabalhadores mudam neste processo. Mesmo sob a sujeição do capital. E com o trabalho intelectual não é diferente. O trabalho docente parece, também, sujeitar os docentes à uma postura de passividade e omissão frente ao capital. O fato de personificar a forma social professor, que deveria incitar qualquer pessoa valorizar o desenvolvimento intelectual, não tem provocado isto na forma de ser e de viver concreta dos sujeitos pedagógicos.

Parece-nos que os professores não investem o necessário nesta atividade. Não se empenha no seu aperfeiçoamento intelectual como trabalhadores intelectuais que são. E, com isso, desgostosos com o mundo intelectual, das letras e escritos, o trabalho intelectual propriamente dito, abandona o compromisso com a pesquisa e a docência nos cursos de graduação e pós-graduação; no ensino médio e, sobretudo, na educação básica. Na verdade, abandonam a si mesmos, perdendo a vontade de se dedicarem à única forma de trabalho inventada pelos humanos, que tem o poder de atuar precisamente em seus corpos e mentes: o trabalho intelectual.

Diante do exposto, o trabalho intelectual ou o trabalho pedagógico em pesquisa é a única forma de trabalho existente que, temos para agir positivamente em nós mesmos. E com ele desenvolver vários campos: cognição, inteligência, argumentação, visão de mundo, escrita e uma intervenção mais qualificada e consciente na realidade. Tudo isso mediante a incorporação de conhecimentos. Com isso nos enriquecemos e valorizamos, pois a incorporação de conhecimentos desenvolve novas qualidades em nós.

Todavia, muitos não o fazem. E isto significa uma grande população do planeta. Seguramente a maioria esmagadora dos seres humanos que habitam o planeta terra. Porque, tudo indica, são incapazes de ver sentido neste trabalho, na sociedade contemporânea, que está a se construir nesta primeira metade do século XXI, ainda hegemonizada pela lógica e dinâmicas do capital. Um contexto geohistórico colonizado, sobretudo, pelos subsistemas do dinheiro e do poder, onde o reconhecimento social quase se reduz a marcas e etiquetas.

Nestas circunstâncias, os jovens estudantes, a juventude em geral, sem oportunidades no horizonte, só vê uma saída: hipotecar a vida ao mercado de trabalho; iniciando a experiência de trabalhador assalariado no nível mais baixo e insignificante da divisão sociogeotécnica do trabalho e hierarquia capitalista: estagiário.

Estágio curricular, ou não, pouco importa, neles os jovens estudantes ingressam cegos e sem razões. Pior, ingenuamente são assujeitados às relações capitalistas como mão-de-obra barata, sem o mínimo de consciência crítica dos direitos trabalhistas. Ainda mais consciência de classe. Porque estagiário não é sequer categoria profissional. Os jovens apenas aceitam esta condição de trabalho com o único intuito: “ganhar a vida”, ganhar dinheiro, sobreviver. Isto também inclui discentes de mestrado e doutorado, quando se dedicam aos estágios de docência. Na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, por exemplo, em vários cursos de graduação, esses estagiários sequer são remunerados pelos trabalhos que realizam na prática da docência. Pois são enquadrados numa figura nova, de nome pomposo, visando proporcionar-lhes conforto e orgulho de estar iniciando a carreira

acadêmica: ainda que sob condições precárias: professor voluntário. Professor voluntário é o novo tipo de escravo intelectual criado pelo capitalismo globalizado, e endossado pelos próprios docentes nas universidades públicas, no Brasil.

No ensino básico de Alagoas essa figura assume outra nomenclatura: monitor. Monitor são estudantes de graduação, que as vezes nem concluíram o curso de Licenciatura e Pedagogia, ou professores recém-formados, que são remunerados por salários irrisórios e precarização exacerbada para realizar atividades restritas de ensino.

Todas as dificuldades que os jovens pesquisadores têm em escrever, sobretudo trabalhos acadêmicos, decorrem da falta de ler de forma sistemática e com disciplina. E a melhor forma não é, como de costume, correr os olhos sobre as páginas escritas e marcar o que se acha importante. Mas, ler, escrever e pensar no que se escreve no ato da escrita. Diz o provérbio anônimo: “quem sabe escrever sabe ler, mas nem sempre quem sabe ler sabe escrever”. Isto configura-se pelo fato de não desenvolvermos o hábito de escrever. E sem se habituar torna-se impossível desenvolver disposições isto é, ações positivas, proativas e criativas nesta arte que é a escrita, pois, não há desenvolvimento sem produção de conhecimento.

O que fazemos, então, é estimular estudantes a escreverem, estudarem escrevendo. Exercerem e exercitarem a escrita. Porque a vida nos mostra, a todos, que aprendemos a escrever, justamente, escrevendo; observando como os bons escritores escrevem. Com isto destrava-se inibições e tomamos gosto pelo estudo e escrita, a um só tempo. Não importa se certo ou errado. Importa é escrever, começar a escrever. Isto é tudo que importa aos pesquisadores iniciantes, que estejam engajados em redigir trabalhos acadêmicos, com o propósito de serem avaliados ou publicados. Importa lembrar que tais trabalhos resultam, sempre, de pesquisas, financiados ou não. Pesquisas são os pressupostos necessários dos trabalhos acadêmicos, a quem os pesquisadores iniciantes ou catedráticos se reportam, sempre. Necessário é, portanto, vincular-se à pesquisa, pois é dela que extraímos os dados para as análises, as interrogações que nos propomos a enfrentar, os objetivos a serem alcançados e a comprovação das hipóteses.

Quando renunciamos, na condição de discentes, a fazer os trabalhos acadêmicos solicitados, com todas as dificuldades existentes, porque todos os temos, abrimos mão de, com eles, nos exercitarmos; abrimos mão da liberdade de pensar e, com isto, nos conformamos ao nível intelectual em que nos encontramos. E aí não avançamos intelectualmente. O mesmo ocorre com o plágio.

Partindo da premissa de que, pensar não é uma necessidade biológica. Podemos certamente, viver sem exercitar o pensamento. Mas é uma questão de gosto e prioridade, vontade e determinação.

Ocorre diferente com o trabalho assalariado em organizações privadas, estatais e confessionais. Pensar não! Porque não há remuneração que justifique o trabalho pedagógico em pesquisa. Ridículo reduzir o parâmetro remuneratório desse tipo de trabalho à hora/aula, que transcorre nas salas de aula. Desse modo, o tempo de trabalho socialmente necessário que possa correlacionar o trabalho pedagógico com outras formas concretas de trabalho, para se encontrar uma média salarial, que remunere o intelectual por seu trabalho. Porque o trabalho pedagógico para cumprir as atividades que lhe compete transcende a hora/aula realizada em sala de aula. Ele envolve toda uma vida de dedicação. Então como remunerá-lo? Qual o custo desta dedicação, de toda uma vida?

Tomamos como base, alguns profissionais: o advogado, o engenheiro, o médico, todos esses profissionais realizam suas atividades em um tempo que pode ser medido entre uma audiência e outra; entre a construção de uma casa e outra. Entre uma consulta e outra. Mas e o estudo e a pesquisa, onde inicia e quando termina? Quando deixamos de exercitar o pensamento? Portanto, quando abrimos mão desse direito inalienável, deixamos de viver esta experiência cultural intransferível, capaz de tornar homens e mulheres mais virtuosos. Por um simples motivo, porque é a única forma que possuímos de desenvolver a razão e a consciência acerca do mundo e de nós mesmos, como pessoas e como pertencentes ao gênero humano. Sem o qual, não nos diferenciamos dos outros seres da natureza. Porque somos os únicos seres a poder inventar, cultivar e viver culturas. Portanto, nos dedicamos, há algum tempo, como intelectual e pesquisador, a desenvolver o Método da Leitura Imanente. Sobretudo demonstrar os aspectos pedagógicos deste Método, enfatizando o princípio educativo que dinamiza seus aplicativos.

O método da leitura imanente não é um método de leitura, mas de escrita. Um dos seus princípios é o letramento: ler e estudar escrevendo.

CONCLUSÃO

Nesta contribuição, finalizamos com uma síntese do que foi exposto, com um intuito de possibilitar um melhor entendimento a respeito da problemática levantada, a qual configura a categoria trabalho pedagógico, para além das atividades docentes, em sala de aula, mas em todo o contexto educacional, vinculado a pesquisa, cujo processo de produção, socialização e apropriação de conhecimentos vinculam-se a formação crítico-reflexiva dos sujeitos pedagógicos, entendemos também que o trabalho pedagógico em pesquisa é um produto social histórico, que evolui de acordo com as transformações sociais, onde as ações transformadoras desses sujeitos, voltadas a formação de si, desencadeiam um processo de liberdade intelectual, autonomia e desalienação, agindo

positivamente em nós mesmos, através da formação de si e do governo de si podemos nos formar e nos transformamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Risoleta. **Avaliação das teses de mestrado na área de educação no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. UFRJ: Dissertação de Mestrado. Mimeografado, 1977.

ALVES, Alda Judith. **A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis**. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Nº 81, pp. 53-60, maio, 1992.

_____. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Nº 77, pp. 53-61, maio, 1991.

BEZERRA, Ciro. **Professores Desacorrentados na Cé(lu)la de Aula ou Formação de Si: um método para resistir e emancipar**. Maceió: Grupo de Pesquisa Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana e Grupo de Pesquisa Milton Santos, Mimeografado, 2016.

_____. **Economia política do trabalho pedagógico**. Maceió: Grupo de Pesquisa Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana e Grupo de Pesquisa Milton Santos, Mimeografado, 2015.

_____. **Modernidade, conhecimento e teoria social**. Maceió: Grupo de Pesquisa Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana e Grupo de Pesquisa Milton Santos, Mimeografado, 2014.

_____. **Geografia do capital: Desenvolvimento territorial, educação do campo e políticas públicas**. Relatório de Pós-doutoramento, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente. Brasil, 2013.

_____. **Conhecimento, Riqueza e Política: Um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da filosofia da práxis de Gramsci**. Maceió: EDUFAL, 2009.

BEZERRA, Ciro; AVELINO, Denis. **Território e Educação: análise crítica das contribuições do Observatório das Metrôpoles**. Maceió: UFUAL, Mimeografado, 2015.

CASTRO, Marta L. S. e HOLMESLAND, Içara S. **A revisão da literatura nas dissertações de mestrado da PUR/RS**. Educação, Nº 8, p. 94-116, 1984.

EPICURO, 342 ou 1-271 ou 70A.C. **Antologia de textos/Epicuro. Da natureza/Tito Lucrécio Caro. Da república/Marco Túlio Cícero. Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medéia; Apocoloquintose do divino**. Cláudio/Lúcio Aneu Sêneca. Meditações/Marco Aurélio. 3ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os pensadores).

SIMÕES, Darcília M. P. **A produção de textos acadêmicos**. In: Congresso da Pós-graduação em Letras da Faculdade de Formação de Professores- FFP da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005. (<https://www.google.com.br>, consultado em 22-08-2016).

TARDIF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências**

em relação à formação para o magistério. In: Revista Brasileira de Educação, São Paulo, Nº 13, Jan/Fev/Mar/Abr, 2000.

VAYNE, Paul. **Sêneca e o estoicismo.** São Paulo: Três Estrelas, 2015.